

O RETORNO

ELEMENTO CONSTITUTIVO DA CONDIÇÃO DO IMIGRANTE

Se fosse preciso conferir ao fenômeno migratório, em seu duplo aspecto de emigração e imigração, assim como em suas formas nacional e internacional, uma definição genérica ou suficientemente ampla para abranger especialmente todos os deslocamentos que vêm ocorrendo, ao menos após a metade do século XIX, não se encontraria melhor expressão que a metáfora seguinte, segundo a qual *"a ordem da cidade sempre se alimentou da ordem rural, e a ordem da fábrica (ou do canteiro de obras) sempre se alimentou da ordem dos campos"*.

As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório

Mos limites do território nacional, com o que se chamou "êxodo rural", foi inicialmente verdade que o mundo rural tenha despejado na cidade sua população, agora tida como suplementar, que por sua vez absorvia este suplemento, do qual era tributária para seu próprio crescimento. E como as reservas locais se esgotavam, enquanto o mesmo processo de crescimento capitalista - de desvalorização de um lado, e de urbanização e industrialização de outro - prosseguia sempre segundo a mesma lógica, o êxodo rural do primeiro momento se estendia, a partir daí, numa emigração e numa imigração transfronteiras, além dos limites do território nacional, mas que permanecem ainda em grande medida em uma relação de contiguidade.

Na França, este foi claramente, até uma data relativamente recente - o período entre as duas guerras, e mesmo mais tarde ainda, após a Segunda Guerra Mundial -, o caso das imigrações que foram precisamente chamadas de contiguidade, todas intra-européias, como por exemplo, as imigrações sucessivas de suíços, belgas, italianos, espanhóis, portugueses, etc., e alargando um pouco mais o círculo dos recrutamentos, a imigração de poloneses, tchecos...

A Alemanha conheceu o mesmo processo: ela também recebeu muitos imigrantes, vindos inicialmente da Europa Central (tchecos, poloneses, austro-húngaros...) - ainda que ela mesma tenha deslocado, ou precisamente porque deslocou, então, muitos imigrantes, especialmente para as

Américas - e em seguida, mais tardiamente, imigrantes turcos, gregos, portugueses, etc.

No entanto, por sua vez, esta outra fonte de aprovisionamento de mão-de-obra estrangeira, mas *próxima*, deveria inevitavelmente se esgotar. Ela se extenuou progressivamente à medida que os países fornecedores, apesar da deficiência econômica atestada precisamente pela emigração de seus cidadãos, em direção a países mais ricos, foram se integrando ao mundo desenvolvido. Assim, por oposição aos países do Terceiro Mundo que os substituem neste papel de fornecedor de imigrantes, eles tendiam a superar o atraso que os separava dos países utilizadores de sua mão-de-obra imigrante, para se encontrar quase em paridade com eles: os últimos países deste tipo, a operar a conversão que os dispensaria da emigração de seus cidadãos, seriam aqueles do sul da Europa (Itália, Espanha, e numa menor proporção, Portugal e Grécia). De países tradicionais de emigração, tendem a se tornar países de imigração ou, pelo menos, de uma imigração "selvagem". Pois, nesta questão, muitos países podem - segundo a posição que ocupam no plano internacional e no sistema mundial de relações de força entre países - ser, ao mesmo tempo, e sem contradição, países de emigração de seus próprios cidadãos que vão imigrar para países mais ricos, e países de imigração para os cidadãos estrangeiros emigrando de países mais pobres.

Com efeito, a partir do momento que a mão-



Foto: UNHCR/22029/05.1992/A. Hollmann

1. Contudo, sob a condição de que o mercado no qual essa mão-de-obra vai ser despejada, mercado essencialmente urbano e industrial, possa realmente absorvê-la.

2. Migrações de trabalho, certamente. Mas existem migrações, por mais reduzidas que sejam, e por quaisquer que sejam as razões declaradas, que não sejam de trabalho? Isto é, que não tenham implicações no mercado de trabalho?

3. E também diríamos *cultural*, tendo em vista que se fala cada vez mais das migrações atuais, provenientes de continentes mais afastados, de menor "proximidade cultural" ou, mais exatamente, de "distância cultural" sempre maior.

4. Isto é, a busca, grosso modo, do trabalho assalariado, já que para a população concernente, população de proletários, no sentido primeiro do termo, ele é o único meio do qual ela dispõe para se suprir de dinheiro.

de-obra - "liberada" de seu estado anterior pelas transformações estruturais da economia, a fim de tornar-se disponível para outras utilizações¹ - podia encontrar ocupação dentro do quadro da economia nacional e no interior dos limites do território nacional, não houve mais motivo para ela emigrar (maciçamente) para fora do país, procurando em outros lugares o que podia encontrar em nível local ou nacional. Aliás, aí está a significação essencial deste duplo fenômeno da emigração (emigração a partir de países "pobres" em trabalho assalariado) e da imigração (imigração para países "pobres" em mão-de-obra e, portanto, relativamente "ricos" em empregos). Em qualquer nível que se situem os países considerados, este fenômeno constitui hoje, sem dúvida, um indicador mais seguro do desenvolvimento desigual, que separa os países de imigração dos de emigração, assim como da assimetria flagrante das relações de força (as materiais e, grosso modo, econômicas, e as simbólicas, isto é, de prestígio) que opõem as duas categorias de países, os dominantes e os dominados. Também, a partir do momento em que um país tido como de emigração deixa de sê-lo, pode-se seguramente dizer que atingiu ou tende a atingir o nível de desenvolvimento econômico, principalmente dos países que

utilizam a mão-de-obra imigrante.

Hoje, mais do que no passado, nunca se insistirá o bastante, sobretudo nesse contexto generalizado de corrida ao trabalho assalariado, sobre o significado que adquire esse tipo de transferência de mão-de-obra, de um país a outro: trata-se de um modo de relação que atesta fundamentalmente uma relação de dominação, encontrada no princípio da própria gênese dessas transferências, constituindo, inclusive, o padrão de medida dessa dominação. Foi sempre assim em toda parte? O estado atual das migrações internacionais poderia ter valor paradigmático².

Tendo a migração de vizinhança (e de uma vizinhança que não é somente geográfica³) se esgotado, e continuando a agir a mesma lógica que já presidira às formas anteriores de emigração e de imigração, a referida migração suscitará e governará o mesmo processo, ampliado agora à escala do que se denomina "*a economia-mundo*", segundo os termos de I. Wallerstein. Em outras palavras, e isto porque as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, a busca do trabalho - no sentido conhecido em nossa economia, no sentido entendido pela teoria econômica, que é a teoria da economia moderna⁴ - tem se ampliado na medida mesma da expansão da economia da qual

ela é o vetor, a economia capitalista, a única aliás existente, de vocação mundial, impondo-se em todos os lugares por si mesma, e pelo simples fato de se propor⁵.

Esta força intrínseca da qual é dotada, e a violência que carrega em si, estão no fundamento da separação que normalmente se faz entre, de um lado, o mundo desenvolvido, que é justamente como a *terra natal* dessa forma de economia, terras nas quais ela atinge sua plena realização, e, de outro lado, o que hoje se chama o mundo do subdesenvolvimento, o Terceiro Mundo, ou seja, todas as terras estrangeiras a "*este fato histórico-cultural*", evocado por Max Weber, e nas quais esta economia vinda de um outro mundo se transplantou e se impôs a partir de fora, completamente pronta. Não sendo na verdade, como no caso das sociedades de economia desenvolvida, a invenção intrínseca dessas outras sociedades, que só puderam recebê-la contra a própria vontade, e não sendo uma criação de seu gênio próprio, ela só poderia conhecer nestas terras de expansão uma forma incompleta, aproximada, como que improvisada.

No lugar de invenção, há, no melhor dos casos, adaptação. Assim sendo, pode-se dizer que é o mesmo processo que esteve agindo, do êxodo rural interno às sociedades industrializadas, chegando às migrações internacionais e intercontinentais da época atual, agora que não há mais praticamente, no mundo desenvolvido, (que é, também, em regra geral, o mundo da imigração), outros imigrantes que não sejam aqueles provenientes do Terceiro Mundo, isto é, do mundo subdesenvolvido, que é também, atual ou virtualmente, o mundo de emigração.

Para voltar ao ponto de partida e à definição inicialmente proposta, através do paradigma da cidade que se alimenta do campo, a relação entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido parece reproduzir, *mutatis mutandis*, a relação inicial, já antiga e talvez universal, entre cidade e campo: o mundo desenvolvido, mundo da imigração e mundo do urbano, alimentar-se-ia do Terceiro Mundo, mundo da ruralidade (ou, mais exatamente, de menor industrialização e urbanização, mesmo se ele está sob um processo de desruralização intensa e anárquica) e mundo da emigração de longo curso, à distância e para além das fronteiras nacionais e não somente da emigração interna em direção às cidades locais, proveniente do êxodo rural (ou concomitantemente a esta emigração local e a este êxodo). O Terceiro Mundo aparece, assim, como o campo (entendido como nova maneira do mundo desenvolvi-

do e para o mundo desenvolvido), que pode dele retirar, como havia feito no passado em seu próprio território - inicialmente cada país, em seus próprios campos e, depois, nos campos dos países vizinhos -, o suplemento de população do qual tem necessidade; mas somente quando, onde e em função de suas necessidades.

Tendo presente isso e somando-se os efeitos das transformações internas dos países do Terceiro Mundo, as quais caminham para uma urbanização selvagem, dificilmente controlável, chega-se à outra comparação, a da periferia (além daquela do campo). Agora que o processo se iniciou, o Terceiro Mundo também poderia assumir, assim como o efeito campo, o papel de periferia, igualmente sob nova forma, podendo manter, diante do mundo desenvolvido, a mesma relação homologicamente mantida entre periferia e cidade neste mundo - entendendo-se que ele aí relegaria (como faz com suas próprias periferias em relação às suas classes sociais mais baixas) as populações que esperam para imigrar para seu território, populações potencialmente candidatas à emigração, mantidas nessas espécies de periferias em escala mundial, à espera que esta virtualidade se realize, e que seja do seu agrado realizá-la.

Assim, na medida de sua extensão no tempo e através do espaço, e além mesmo da extrema diversidade de situações às quais esta extensão o expõe, o fenômeno migratório, ao longo de toda a sua história - que se confunde com a própria história de nosso sistema econômico e sua realização - inscreve-se numa mesma lógica, governada, desde seus primórdios até seu estágio atual, tanto pelos determinismos econômicos, (isto é, pelos imperativos próprios à nossa economia), como também pelas categorias de nosso entendimento político que é, inclusive, um entendimento indistintamente social, econômico, cultural, moral, político (no caso específico, entendimento nacional, e mesmo nacionalista) e mental.

Entretanto, apesar da gênese aparentemente semelhante e comum das diferentes formas de emigração e de imigração, não se deve concluir por sua identificação total. Muitas características de naturezas diversas separam o êxodo rural das migrações internacionais; separam o êxodo rural ou as migrações, tais como foram conhecidas pelas sociedades européias - na metade do século XIX, entre outros períodos -, do êxodo rural e da série de migrações que hoje se realizam nas sociedades do Terceiro Mundo. Nesse sentido, não se pode ignorar a particularidade dos países do Novo Mundo que, em razão de sua his-

5. Ela é a única economia, pois a outra economia que dela se diferencia não possui sequer um nome que lhe seja próprio: ela é chamada *economia pré-capitalista*; esta só é nomeada tendo como referência aquilo que ela não é, a economia capitalista, a única que se sabe nomear. É, segundo a expressão de Max Weber, "a economia do não econômico": "*Este caráter próprio da economia capitalista e - uma coisa levando à outra - a importância da teoria da utilidade marginal (como de toda teoria do valor) para a compreensão dessa época, consistem no fato de que, do mesmo modo que a chamaram, não sem razão, a história econômica de numerosas épocas do passado, a história do não-econômico*" [o grifo é nosso], da mesma forma nas condições presentes da vida, a reaproximação desta teoria com a realidade, era, é, e tanto quanto se possa julgar, será, cada vez maior e modelará o destino de camadas cada vez mais amplas da humanidade. É neste fato histórico-cultural que reside a significação heurística da teoria da utilidade marginal". Max WEBER, citado em Oscar LANGE, *Economie Politique, Problèmes Généraux*, Paris: PUF, 1962, p.396, (Tomo 1).

tória singular, são, por definição, países de imigração e países que, até o momento, apesar de parecerem ter esgotado sua capacidade de receber população, têm uma relação diferente com a imigração, distinguindo-se muito, neste ponto, dos países do Velho Mundo e, essencialmente, dos países europeus; uma particularidade que faz de toda a sua história, uma história de imigração, aquela dos conquistadores, dos colonos, dos negros, seus escravos e servos, etc., e, por isso mesmo, uma história principalmente da emigração européia. A emigração para as Américas, sobretudo a partir dos velhos países da Europa, poderia constituir, após a etapa da conquista e da primeira colonização propriamente dita, apenas uma maneira de prolongar mais adiante, além do oceano, os deslocamentos de populações internos a estes países; poderia ser apenas o prolongamento do êxodo rural local, assim como das migrações entre eles partilhadas, para horizontes mais distantes, como sobretudo os Estados Unidos.

Também não se ignora que neste Novo Mundo - que foi por muito tempo a terra de encontro de todos os emigrantes do mundo, portanto, o lugar de um povoamento extremamente diferenciado, muito heterogêneo e mesmo heteróclito, onde a homogeneidade está sempre por construir, e onde os países, como é o caso do Brasil, são extremamente vastos, quase do tamanho de um continente - a distinção feita alhures entre, de um lado, o êxodo rural, as migrações internas concernentes, portanto, aos nacionais do país, e, de outro lado, as migrações internacionais, próximas ou distantes, não poderia ter aqui a mesma significação. Pode ser que elas não sejam tão radicalmente separadas, como se pensa segundo o modelo europeu, que tem suas condições particulares e suas características próprias. A existência de grupos nacionais oriundos, em datas diferentes e mais ou menos recuadas no passado, de origens étnicas e/ou nacionais muito variadas, as grandes distâncias a serem vencidas e que são percorridas, por exemplo, pelos emigrantes do Nordeste ou da Amazônia, para chegar ao Rio ou a São Paulo, tudo isto pode contribuir, parece, para atenuar, de fato, de um modo prático, a distância que separa, de direito, de um modo oficial, o imigrante brasileiro que vem de um Estado do Brasil e que pertence ao Brasil (uma forma de migração local, no âmbito de uma relação de pertencimento nacional) do imigrante totalmente estrangeiro ao Brasil.

Não é, portanto, totalmente sem razão, postular que as diferenças - que, a respeito da entidade nacional e da unidade política do país, po-

dem ser pensadas como diferenças entre regiões ou entre províncias/estados - sejam, nesses casos, quase da mesma natureza que as diferenças entre nações (salvo aquelas que se atêm ao estatuto político). E sempre pelas mesmas razões históricas (história do povoamento) e geográficas (a extrema extensão territorial dos países), não se exclui que o vínculo individual ao torrão e, por intermédio deste, à unidade territorial, social, cultural, e mesmo política à qual se pertence, unidade viva, concreta, calorosa, efetiva, vale, em certas circunstâncias e configurações geopolíticas e sócio-políticas, mais do que vale o vínculo à nação, entidade relativamente abstrata (como nós podemos pensá-lo e vivê-lo nas nações européias mais antigas, mais reduzidas espacial e demograficamente). Há patriotismos regionais mais vigorosos que os patriotismos nacionais. E sem nada conhecer do comportamento dos migrantes brasileiros, quanto às suas relações com suas regiões de origem e de residência ou de imigração - em suma, quanto às perspectivas de retorno à terra natal -, não se pode ignorar esta relação diferencial com o território nacional, seja ele relativamente pequeno e fortemente homogêneo em todos os aspectos, ganhando em compreensão o que perde em extensão, ou seja ele, ao contrário, largamente extenso e diversificado, perdendo em compreensão o que ganha em extensão.

Estas breves referências *ex abrupto* das condições mais gerais, criadoras dos deslocamentos de populações no contexto atual das relações de dominação, seja de uma região para outra no interior de um mesmo país, seja, mais frequentemente, no cenário internacional entre os países de força desigual, não foram aqui examinadas, e nem têm outro sentido de sê-lo, senão para ajudar a compreender o que há de quase universal no fato de emigrar (que é ele mesmo um fato universal⁶) e o que há de específico a cada uma das migrações histórica e sociologicamente caracterizadas - nenhuma migração assemelha-se à outra. Essas referências não têm outra função aqui senão ajudar a refletir sobre as reações comuns, constantes da condição de emigrante e de imigrante e as reações diferenciadas, variações ligadas à conjuntura (do momento e do lugar); reações tais que se pode apreendê-las, mesmo da parte das populações envolvidas, em primeira instância, os próprios interessados, emigrantes de um lugar (região, província, país, estado, continente, etc.) e imigrantes em outro lugar. Dentre essas inúmeras reações semelhantes e diferentes aparece a noção de **retorno**.

6. Cf. John GILLISSEN, "Le statut de l'étranger à la lumière de l'histoire comparative", in: "L'Étranger", Bruxelles: Recueil de la Société Jean Bodin, Éditions de la Librairie Encyclopédique, 1958 (Tome 1, pp. 5-57).